

ELE SABE JUNTAR PESSOAS



Além de ser um dos artistas musicais mais aclamados de sua geração, Chico Chico tem o dom de agregar todos à sua volta. E será assim nesta sexta (12), Dia dos Namorados, no Qualistage, em show da turnê de lançamento de seu álbum mais recente, com participações especiais de Maria Bethânia, Ana Frango Elétrico e Anelis Assumpção. Página 2



Chico Chico celebra afetos

Cantor e compositor recebe Maria Bethânia, Ana Frango Elétrico e Anelis Assumpção em show especial no Dia dos Namorados

AFFONSO NUNES

Chico Chico é um artista querido por todos que o conhecem. Além de talentoso, o filho da saudosa Cássia Eller (1962-2001) tem o dom de agregar, pessoal e musicalmente. E escolheu o Dia dos Namorados para uma versão diferente dos shows que vem fazendo desde o lançamento de “Leti it Burn / Deixa Arder”, seu álbum mais recente. Nesta sexta (12), no palco do Qualistage, o cantor e compositor como convida Maria Bethânia, Ana Frango Elétrico e Anelis Assumpção para uma noite de afetos embalados pela potência dessas três artistas de diferentes gerações.

“Estou muito feliz de fazer um show neste dia, em que celebramos os afetos. Tocar com convidados é sempre uma diversão e um prazer para mim, receber artistas que admiro no palco e poder cantar junto”, comenta Chico Chico.

Lançado em outubro de 2025 pela Deckdisc, “Lei it Burn / Deixa Artes” traz 20 faixas que exploram justamente esse universo de amor, carinho e desejo. Faixas como “Tanto Pra Dizer” e “Tempo de Louças” entregam um certo grau inintimista na eclética obra de Chico Chico, marcada por uma mistura de ritmos que passam pelo rock, pop e ritmos da cultura popular brasileira.

Com Maria Bethânia, uma das maiores vozes da MPB, o artista já colaborou na faixa “Em Nome de Deus”, lançada em 2023 no álbum de comemoração da Semana de 22 pela Biscoito Fino. Naquela ocasião, Bethânia e Chico Chico gravaram a canção de Sergio Sampaio,



Marina Zabenzi/Divulgação

Chico Chico se diz feliz por receber convidados que tanto admira no Dia dos Namorados



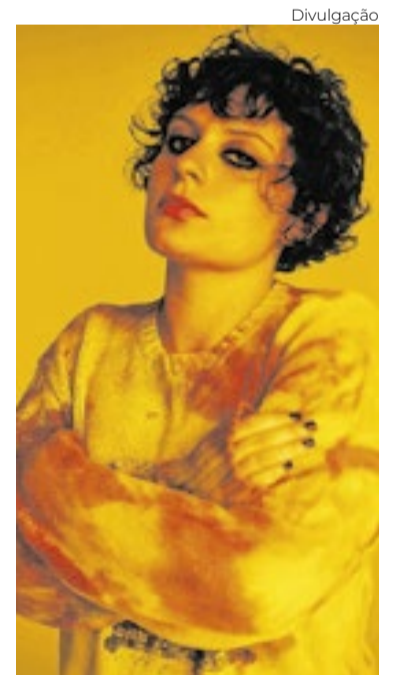
José de Holanda/Divulgação

Anelis Assumpção



Jorge Bispo/Divulgação

Maria Bethânia



Divulgação

Ana Frango Elétrico

que depois foi apresentada ao vivo no Clube Manouche. O vídeo desse encontro, marcado pelo carinho de Bethânia com o jovem artista, viralizou nas redes sociais.

Já Ana Frango Elétrico, artista carioca conhecida por sua irreverência e experimentalismo, é uma parceira de longa data. Assim como Chico, ela mora em Santa Teresa e

amnos estudaram no mesmo colégio, o CEAT, ainda que em épocas diferentes. Unidos pela efervescente cena cultural do bairro, os dois se falam e tocam juntos há bastante tempo.

E a paulistana Anelis Assumpção, compositora e intérprete que dialoga com diferentes linguagens musicais, é filha de Itamar Assump-

ção (1949-2003), de quem Chico gravou em 2018 uma versão da faixa “Tua Boca” no álbum “Todxs”, de Ana Cañas.

Mesmo sendo compositor de mão cheia, Chico tem por costume celebrar grandes nomes da MPB, tendo apresentado versões para sucessos de Zé Ramalho, Chico César, Tim Maia e Jards Macalé.

SERVIÇO

CHICO CHICO – SHOW ESPECIAL DIA DOS NAMORADOS

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 – Barra da Tijuca)
12/6, às 21h30 (abertura da casa às 19h30)
Ingressos a partir de R\$ 45

Passado não se repete. Se reinventa

Jorge Bispo/Divulgação

Trio que revolucionou a música instrumental brasileira nos anos 1970, Azymuth se apresenta no Blue Note em sua ova formação

AFFONSO NUNES

Quando José Roberto Bertrami, Alex Malheiros e Ivan “Mamão” Conti se encontraram nos bares de Copacabana nos anos 1960, ninguém imaginava que aquele trio de músicos de estúdio — que acompanhava artistas como Marcos Valle — estaria redefinindo o que era possível fazer com jazz, samba, bossa nova e eletrônica. Mas foi exatamente isso que o Azymuth fez desde sua formação em 1973, e continua fazendo até hoje, driblando a morte e o tempo. Neste sábado (13), a banda se apresenta no Blue Note Rio em sua nova fase, com a formação renovada após a morte de dois de seus fundadores.

O atual prestígio de projetos instrumentais na cena musical brasileira deve muito ao Azymuth. Desde o álbum de estreia “Azimuth” (1975), lançado pela Som Livre, o trio ofertou uma linguagem sonora que trabalhava elementos do samba, da bossa nova, do soul e do jazz fusion com enorme precisão. O diferencial estava na eletrônica — teclados sintetizados que Bertrami manipulava com criatividade. A bateria de Mamão dialogava com ritmos brasileiros sem perder a sofisticação do jazz, e o baixo de Malheiros que amarrava tudo com uma lógica harmônica impecável.

A carreira internacional da banda começou nos anos 1980, quando se mudaram para os Estados Unidos e conquistaram uma base de fãs que vai desde colecionadores de vinil até produtores de hip-hop contemporâneos que sampleariam



Alex Malheiros, aos 80 anos, mantém vivo o propósito de manter o Azymuth mesmo depois da morte de seus colegas fundadores



Imagem do Azymuth nos anos 1970 com sua formação clássica

“Eu e Mamão tínhamos feito um pacto de que, se algum de nós dois fizesse a passagem, o outro seguiria em frente”

ALEX MALHEIROS

suas faixas décadas depois. O tema “Jazz Carnival” marcou essa fase de expansão global.

Mas o Azymuth nunca deixou de ser carioca. Seus álbuns — 24 no total — carregam a assinatura daquela Copacabana boêmia dos anos 1960, aquele encontro casual de músicos que se tornaria referência da música instrumental brasileira.

A morte de Bertrami em 2012

poderia ter encerrado a história. Em vez disso, Alex Malheiros e Ivan Conti recrutaram Kiko Continentino. Novo baque quando Mamão faleceu em abril de 2023, aos 76 anos. Pensou-se que seria o fim da banda. Negativo! Mas Malheiros, aos 80 anos, decidiu seguir adiante. “Eu e Mamão tínhamos feito um pacto de que, se algum de nós dois fizesse a passagem, o outro seguiria em frente”, disse o músico a O Globo, meses após a perda do amigo.

A formação atual — Alex Malheiros no baixo, Kiko Continentino no sintetizador e Renato Calmon na bateria — mantém a fórmula intacta: eletrônica sofisticada, ritmo brasileiro e uma sensibilidade harmônica que poucos grupos conseguem sustentar por mais de cinco décadas. O álbum “Marca Passo” (2025) prova que o Azymuth segue relevante, com faixas como “Fantasy ‘82” e “O Mergulhador” que mantêm a essência do som original enquanto abraçam sonoridades modernas. Malheiros, um dos melhores contra-baixistas da música brasileira, traz com o passar dos anos a sabedoria de não repetir o passado. Mas dialoga com ele.

SERVIÇO

AZYMUTH

Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1.910, Copacabana) 13/6, às 20h e 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60

Emabalado na Michaelmania

Rodrigo Teaser leva ao palco do Qualistage seu consagrado tributo ao Rei do Pop, que ganha novo fôlego com a cinebiografia do astro

AFFONSO NUNES

EA Michaelmania voltou com força total. Após a cinebiografia de Michael Jackson conquistar cinemas ao redor do mundo, o tributo musical que há 14 anos celebra o legado do Rei do Pop esgotou os ingressos de sua apresentação no Qualistage,



Rodrigo Teaser conta com a participação de três antigos colaboradores de Michael Jackson em seu Tributo ao Rei do Pop, que já percorreu 15 países de quatro continentes

em apenas uma semana de vendas. Diante da procura inesperada, uma segunda data foi marcada para 12 de julho no mesmo local.

Artista que desde os 9 anos interpreta Michael Jackson, Teaser

comanda o espetáculo que já percorreu 15 países de quatro continentes. Nesta temporada ele conta com a presença de três membros da equipe original que trabalhou com Jackson em suas turnês mundiais.

LaVelle Smith, coreógrafo e bailarino que dirigiu todas as coreografias das turnês do Rei do Pop, supervisiona os movimentos. Kevin Dorsey, backing vocal e co-diretor musical das mesmas turnês, assina

a direção musical. Jennifer Batten, guitarrista que acompanhou Jackson em seus maiores shows, integra a banda ao vivo.

Detalhista ao extremo, Teaser se orgulha de ser o único show no mundo com supervisão simultânea de coreografia e música de membros da equipe original de Michael Jackson. A produção reúne banda ao vivo, bailarinos, figurinos fiéis aos originais, coreografias exatas e efeitos especiais que recriam os elementos icônicos da carreira de Jackson. O repertório percorre seus maiores sucessos, desde os tempos de Jackson 5 até os álbuns solo que o consolidaram como fenômeno global. Cada movimento foi pensado para que fãs revivam a experiência de estar em uma apresentação do próprio Michael.

Estrelada por Jaafar Jackson - sobrinho do rei do Pop -, o longa de Antoine Fuqua reacendeu o interesse global por Michael Jackson e deixou os fãs mais antigos em estado de delírio. O esgotamento dos ingressos da primeira data do show de Teaser reflete esse movimento.

SERVIÇO

RODRIGO TEASER — TRIBUTO AO REI DO POP

Qualistage (Via Parque Shopping - Avenida Ayrton Senna, 3000 — Barra da Tijuca) 14/6, às 21h

Ingressos esgotados*

*Data extra em 12/7, com ingressos a partir de R\$ 75



João Gordo e Rogério Skylab celebram o amor sem doçura. E a Cytoteka (100% metal feminino) abre a noite na lona do Circo Voador

Sexta à noite na Lapa, o Circo Voador vai fazer algo que ninguém esperava: transformar o Dia dos Namorados em uma celebração do caos. Enquanto casais por toda a cidade se aquecem com jantares à luz de velas e rosas vermelhas, a lona vai pulsar com rock experimental, punk e metal feminista. É como se alguém tivesse olhado para o calendário, visto a data mais romântica do ano, e pensado: “E se a gente fizesse exatamente o oposto?” Celebra-se, portanto, o o amor com quem não quer açúcar.

Rogério Skylab é o destaque da noite. O músico toca “SKYLAB IV” na íntegra, um dos álbuns mais emblemáticos de sua carreira. Lançado em 2003, o disco consolidou-se como referência do rock experi-

Underground pouco é bobagem

Metaleiras do Cytoteka, João Gordo e Rogério Skylab levam experimentalismo ao Circo neste Dia dos Namorados

mental brasileiro — letras ácidas, humor provocador, uma estética completamente fora dos padrões. Underground em estado total de pureza. Para esta apresentação, Skylab é acompanhado por Thiago Martins na guitarra, Bruno Coelho na bateria e Yves Aworet no baixo.

João Gordo, vocalista do Ratos de Porão e ícone do punk nacional, apresenta pela primeira vez no Circo Voador seu projeto “Brutal Brega: MPB Mode”. O álbum, lançado em 2024, é um tributo divertido que reimagina clássicos da música brasileira em versão punk rock. Imagine

“Tropicana (Morena Tropicana)” ou “Amante Latino” tocadas com toda a agressividade e irreverência do punk. É exatamente o tipo de provocação que Gordo entrega com seu projeto.

Abrindo os trabalhos, a banda Cytoteka. Formada por Karina Albuquerque (guitarra), Melissa (bai-

xo), Regina (bateria) e Glenda Maldita (vocal), o grupo entrega uma sonzeira que bebe em influências diretas do movimento Riot Grrl!, Punk 77 e Hardcore ao Black Metal. Prestes a lançar seu primeiro EP, “Mecanismo Macabro”, ainda em 2026, Cytoteka compõe sobre vidas de mulheres cis e trans, questões LGBTQIA+, patriarcado e a busca pela liberdade feminina na sociedade e no punk. É a jam session mais feminina do Brasil, como a própria banda define. (A. N.)

SERVIÇO

ROGÉRIO SKYLAB | JOÃO GORDO | CYTOTEKA

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa) | 12/6, às 22h
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

O reencontro de dois artesãos sonoros

Cristóvão Bastos e Rogério Caetano lançam segundo álbum da dupla em concerto gratuito nesta sexta (12) no Espaço BNDES

AFFONSO NUNES

Palco de ótimas atrações musicais gratuitas, o Sextas Instrumentais do Espaço Cultural BNDES recebe nesta semana Cristóvão Bastos e Rogério Caetano. O pianista e o violonista fazem o show de lançamento do álbum “Cristóvão Bastos e Rogério Caetano – Ao Vivo” (Biscoito Fino). O trabalho marca a celebração dos 80 anos de Bastos.

A dupla reúne dois dos principais instrumentistas brasileiros em uma formação inédita: piano e violão de 7 cordas de aço. O repertório do disco é proporcional ao ecletismo dos dois instrumentistas: samba, choro, forró e valsa, com 12 faixas que alternam composições solo, trabalhos em dupla e parcerias com outros músicos. O álbum foi gravado ao vivo no Teatro Paiol, em Curitiba, em maio de 2024, e chegou às



Isabela Espíndola/Divulgação

plataformas digitais em janeiro.

Cristóvão Bastos é compositor, pianista, arranjador e diretor musical com trajetória consolidada na música brasileira. Trabalhou com nomes como Chico Buarque, Paulo César Pinheiro, Aldir Blanc, Áu-

Cristóvão Bastos e Rogério Caetano retomam parceria premiada em registro de apresentação ao vivo da dupla

rea Martins e Paulinho da Viola, além de criar arranjos para álbuns de Nana Caymmi, Edu Lobo, Elza

Soares, Miúcha e Gal Costa. Rogério Caetano, goiano de 49 anos, é referência no violão 7 cordas e músico requisitado em trabalhos de João Bosco, Zeca Pagodinho, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Ivan Lins, entre outros.

O primeiro trabalho da dupla, lançado em 2020, foi indicado ao Latin Grammy 2021 na categoria Melhor Disco Instrumental. A turnê daquele projeto originou o registro ao vivo que agora chega ao público em show. “A música tem essa magia: somos apenas duas pessoas, a diferença de idade não conta”, comenta Cristóvão Bastos sobre a parceria. “Este álbum está sendo lançado no ano em que vou completar 80 anos, e ele será a primeira celebração dessa volta importante em torno do sol.”

O encontro entre os músicos é marcado por cumplicidade e admiração mútua. Segundo Cristóvão, a versão ao vivo captura “conversas de dois amigos, que fluem com ou sem instrumentos”. O show revela a profundidade da música brasileira sob a leitura segura de dois artesãos sonoros

SERVIÇO

CRISTÓVÃO BASTOS E ROGÉRIO CAETANO

Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100 - Centro)

12/6, às 19h

Entrada franca, com retirada de senhas a partir das 18h30

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Um vozeirão a serviço do pop romântico

Dono de um vozeirão que emplacou uma penca de sucessos nos anos 1990, Maurício Manieri sobe ao palco do Vivo Rio nesta sexta-feira (12) com mais um show da turnê “Classics – Tour Inesquecível” que está rodando o Brasil com uma produção renovada, cenários inéditos e um repertório repleto de sucessos da carreira do artista. O espetáculo traz releituras de clássicos do pop romântico nacional e internacional.



Divulgação

A amor está no ar com Indiana Nomma

Em celebração ao Dia dos Namorados, a cantora hondurenha-brasileira Indiana Nomma, conhecida por seus tributos a Ella Fitzgerald, Billie Holiday, Sarah Vaughan, Etta James e outras grandes vozes do jazz, apresenta nesta sexta (12), às 20h, no Blue Note Rio, um repertório de clássicos que exaltam o amor. No repertório, canções eternizadas por Frank Sinatra, Ella Fitzgerald, Cole Porter, Louis Armstrong e Etta James.



Divulgação

A gira jazzística de Ifátóki e o Jazz das Minas

A Jazz das Minas, banda capitaneada pela pianista, cantora e compositora Ifátóki Maíra Freitas, apresenta o show “Gira de Amor” no Manouche neste Dia dos Namorados. E, para esta noite especial, vão celebrar essa festa do amor com a gira da Jazz das Minas. A banda canta a cura através do amor trazendo seus arranjos cheios de swing, banhando de ouro os amores presentes estando eles acompanhados ou não.



Divulgação

A rabeca eletrificada de Fernando Rappi

Fernando Cappi, guitarrista fundador da Hurtmold, apresenta seu projeto “Rabeca Elétrica” na Audio Rebel neste domingo (14), às 20h. O músico transforma a rabeca tradicional ao conectá-la a pedais de efeitos como delay, overdrives e reverbs, mesclando rock e música eletrônica. Com sintetizadores e batidas eletrônicas, Cappi cria uma nova linguagem para o instrumento.



Divulgação



Aline Bernardi
flana pelo debate
das ecologias
relacionais em
'Equina'

Na crina da micropolítica

Aline Bernardi leva ao palco do Angel Vianna 'Equina', espetáculo que funde filosofias sobre fabulações das memórias que formam corpo – com direito a debate aberto neste sábado

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Coreografias que desafiam a linguagem – e não só a da dança – podem nascer da convivência do que se convencionou chamar “humano” e do que se ensaia existir como “não-humano”, em uma aliança entre as espécies. Essa é a premissa de “Equina”, que estreia no dia 17 de junho, no Teatro Angel Vianna, na Tijuca, com base nos questionamentos das artistas-pesquisadoras Aline Bernardi e Dani Lima.

O espetáculo é um desdobramento da pesquisa de doutorado de Aline (que está em cena) no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ. Nele, ecologias relacionais, num intercâmbio de formas de viver, podem propor modos de reparação micropolítica em um mundo danificado.

Neste sábado (13), quatro dias antes da estreia do espetáculo, cenas de “Equina” farão parte do encontro “Conversa Dançada Manada”, das 15h às 17h, no Centro Municipal

de Arte Hélio Oiticica, na Praça Tiradentes. Esse evento promove ainda uma conversa entre Aline e Dani, mediada pela professora Gabriela Lírio, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ.

“Queremos evocar memórias, queremos fabular memórias e nos colocar diante das memórias que fazem corpo em nós, e, com isso, ficar diante dos imaginários que cultivamos e nos darmos conta do que cria corpo em nós... e perceber os gestos que nos compõem”, explica Aline, que é doutoranda em Artes da Cena, pela UFRJ, e autora do livro-caderno “Umbigo: Poemas lunares”, além de ter publicado “Embarcações”. “Queremos convidar nós, humanos, a ficarmos diante de nossos problemas, tal qual (a bióloga, filósofa e autora do “Manifesto do Ciborgue” Donna J.) Haraway nos propõe e a nos responsabilizarmos por nossos gestos, nossos imaginários. Assim, o espetáculo busca convidar aos gestos de reparação micropolítica que podemos acionar: reparar - primeiro como gesto de observar, depois reparar como gesto de parar diante do que observamos;

“Queremos evocar memórias, queremos fabular memórias e nos colocar diante das memórias que fazem corpo em nós, e, com isso, ficar diante dos imaginários que cultivamos e nos darmos conta do que cria corpo em nós... e perceber os gestos que nos compõem”

ALINE BERNARDI

para então reparar como modo de refazer mundos”.

As raízes desta pesquisa remontam à infância de Aline, quando a artista morou na zona rural do oeste paulista, e teve uma convivência íntima com cavalos de uma fazenda onde seu pai trabalhava. A partir dessa história pessoal e dos diálogos travados com as pesquisadoras Vinciane Despret e Anna Tsing (além da já citada Haraway), “Equina” busca articular as três dimensões da ecologia, segundo o filósofo e psicanalista Félix Guattari. A dimensão das subjetividades, a dimensão social e a di-

menção ambiental. A partir delas, especula-se sobre regeneração da vida.

“Nesse sentido, o trabalho não dialoga com a via do antropomorfismo (que é atribuir características humanas aos animais). Talvez, o devir bicho em nosso trotar cênico seja um convite a nos despiremos de nossos especismos, a nos percebermos tão bicho quanto animais de outras espécies. É um convite a nós, humanos, de reconhecer nossas atitudes e nos responsabilizarmos por elas, de ficarmos com o problema da danificação do mundo como gesto humano que precisa de reparação”,

explica Aline. “Se há alguma tentativa de metamorfose, este convite é para nós humanos - a partir do movimento de nossa percepção e da experiência radical de estar vivo perante nossos atos, nossos gestos, nossos modos de cultivar relações. ‘O Manifesto das Espécies Companheiras’, da Haraway, dialoga mais diretamente com a dramaturgia de ‘Equina’, pois cavalos e éguas são alteridades significativas no meu modo de pensar-sentir-mover enquanto ato corporal. O que desejamos é que ‘Equina’ coloque a percepção humana em movimento, ative conversas e desdobre imaginários acerca das ecologias relacionais e alianças interespecies para que possamos abrir possibilidades de mundificação conjunta.”

SERVIÇO

EQUINA

Teatro Angel Vianna (Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro - Rua José Higino, 115 - Tijuca)

De 17 a 28/6* | 1ª semana: quarta, quinta e sábado (19h) e domingo (18h) | 2ª semana: quinta a sábado (19h) e domingo (18h)

*No dia 26, haverá três ações de acessibilidade (audiodescrição para pessoas cegas, intérprete de libras para pessoas surdas e monitora de regulação sensorial para neurodivergentes ou pessoas com alta sensibilidade) Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CONVERSA DANÇADA MANADA, COM ALINE BERNARDI E DANI LIMA, MEDIAÇÃO DE GABRIELA LÍRIO

Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, Praça Tiradentes, 68) 13/6, das 15h às 17h | Grátis

CRÍTICA TEATRO | SELVA: SOLIDÃO

POR **CLÁUDIO HANDREY** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Divulgação

Angústia metafísica

Vinícius Teixeira em 'Selva: Solidão': é poético o encontro entre encenador e ator que comungam a mesma disposição criativa

Num ideário do ator Vinícius Teixeira, que divide a dramaturgia com o diretor Jefferson Almeida, "Selva: Solidão" recebe influências de Artaud e seu teatro da Crueldade, buscando uma subjetividade potente, na qual o teatro abre mão da digestão fácil. Há uma imersão no vazio existencial, onde o texto expõe, com criatividade, como a solidão LGBTQIAPN+

comporta-se diante dos efeitos desoladores a reboque de uma sociedade heteronormativa. Antônio, Jonathan e Luiz Felipe são homens gays aturdidos no desespero de amarem ou serem amados. E na selva, cada vez mais solitária que vivemos, procuram em seus parceiros detectar suas próprias identidades.

A narrativa estrutura rupturas, nas quais as personagens vão conglomerando-se, configurando uma carpintaria sólida. O texto é tão violento

quanto divertido, desmistificando uma realidade nua e crua. As personagens relacionam-se na velocidade do tempo acelerado que o dia a dia obriga-nos, revelando a inevitabilidade da dor.

A vigorosa e perspicaz direção de Jefferson Almeida adiciona elementos que corroboram para que o espetáculo triunfe em teatralidade. Conduzir monólogo é incumbência perigosa, mas tudo flui poderosamente e por vezes não identificamos

o que vem do processo de encenação ou do ator ou da fusão tocante de ambos. O palco é persuadido por ações, ideias, pensamentos, silêncios, que preenchem a sensorialidade da plateia. Marcas inventivas, fabricando angústia e riso, muitas vezes patético. A cena que uma das personagens padece e sorri quase que ao mesmo tempo é primorosa, além da cena de sexo. A escuridão, que habita na gente, ao final, é emocionante. Tudo faz absoluto sentido.

Cada segundo é dominado pelo talento de Vinícius, efetivando uma montagem instigante. O ator brilha no atendente Jonathan, no garoto de programa Luiz Felipe e no aposentado Antônio, numa corporeidade e psicomotricidade impressionantes. Valoriza o texto com sensibilidade, institui cortes abruptos que desvelam o destempero daqueles seres à beira de um ataque de nervos, infundidos pelo desamparo inerente. Todas as mutações são ligeiras e precisas, onde vozes e estados emocionais são bem desenhados, com ótimo apoio da preparação de Daniel Chagas. Ao desnudar-se o intérprete mistura as personagens com destreza, outro acerto da direção. Estabelece humor nos momentos certos, além de cantarolar "Summertime" harmoniosamente.

A iluminação de Livs cria uma ambiência fascinante, em perfeita sintonia dramaturgica, cenografando a cena, sem utilizar o equipamento aéreo da caixa cênica, espalhando refletores em tripés e torres com ribaltas de led, que auxiliam a atmosfera determinada pela direção e pela exuberante direção musical e trilha original de Rafael Lorga.

É poético o encontro entre um encenador e um ator, que conseguem comungar a mesma disposição criativa, designando um espetáculo repleto de beleza e nuances.

SERVIÇO

SELVA: SOLIDÃO

Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº) | Até 26/6, quintas e sextas (20h) | R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Charles Pereira/Divulgação



Uma calcinha em fuga

Uma calcinha ganha vida (!) e foge pelas ruas do Rio, levando consigo a protagonista Mônica em busca de respostas. Interpretada por Patrícia Bello, ela enfrenta personagens urbanos, rurais e selvagens enquanto reflete sobre precarização do trabalho, relacionamentos e incertezas em relação ao futuro. A peça interativa "Só percebo que estou correndo quando vejo que estou caindo" une teatro de rua, cabaré e palhaçaria e segue em cartaz no Teatro Municipal Café Pequeno, no Leblon, até 24 de junho. Com João Santucci e Raquel Monteiro.

Ana Alexandrino/Divulgação



Tensões domésticas

Maria retorna a Resende para ficar na casa de seu pai. Lá, convive com Zaida em um ambiente marcado por silêncios e gestos contidos. Entre visitas à igreja e telefonemas misteriosos, emoções latentes emergem, transformando o espaço em conflito interno e desejos que a jovem mal consegue nomear. "Agulhas Negras", espetáculo com dramaturgia de Lara Bereta, segue em cartaz no Teatro Ziembinski, na Tijuca, até domingo (14). No elenco, Lara Bereta e Samen dos Santos. Direção de Rodrigo Cavalini.

Ana Sol/Divulgação



Quando elas têm raiva

Dez mulheres ocupam um teatro decadente em "Angélica", espetáculo dirigido por Nina Tomsic que satiriza toda a raiva feminina num exercício de humor ácido. A montagem mistura textos de Angélica Liddell, números musicais, monólogos de autoficção e 15 esquetes que questionam os padrões da feminilidade. O espetáculo desprezando as boas maneiras tensiona o que seria do mundo se as mulheres fossem tudo aquilo que disseram que não poderiam ser. Em cartaz no Teatro Ziembinski até o dia 17.

SEXTOU! UM DF DE

Lucas Lobão / Divulgação

TEATRO

Felicidade Invisível

✦ A trajetória do diretor, dramaturgo e ativista Alexandre Ribondi será celebrada no espetáculo *Felicidade Invisível*, em cartaz de 11 a 14 de junho na Casa dos Quatro, em Brasília. A montagem marca os três anos da morte do artista, considerado um dos pioneiros do teatro brasileiro e da luta pelos direitos LGBTQIA+ no Distrito Federal. Fundador da Cia Ruiva de Teatro e do grupo Beijo Livre, Ribondi também atuou como jornalista e enfrentou perseguições durante a ditadura militar. Com dramaturgia baseada em textos, entrevistas e memórias do homenageado, a peça reúne atores formados na Oficina do Ribondi e revisita sua contribuição para a cultura, a democracia e a diversidade no DF.

O Teatro Mágico

✦ Fernando Anitelli, criador e principal voz de *O Teatro Mágico*, será a atração da 42ª edição do ArteFato, nesta quarta-feira (10), às 20h, no Teatro dos Bancários, em Brasília. Com entrada gratuita, mediante retirada de ingressos pelo Sympla, o artista apresenta o espetáculo "O Teatro Mágico – Voz & Violão", formato intimista que resgata as origens do projeto musical. No repertório, sucessos como "O Anjo Mais Velho", "Pena", "Camarada d'Água" e "Nosso Pequeno Castelo", além de canções do álbum *Luzente*. A abertura ficará por conta da banda brasileira SoulCaixa, que reúne influências de rock, samba, soul, pop e jazz. A classificação é livre.

PROJETO

Brasília Design Week

✦ O Brasília Shopping integra a programação da Brasília Design Week 2026 com uma série de talks gratuitos voltados à arquitetura, design, comportamento e criatividade. Nos dias 10 e 11 de junho, o Teatro Brasília Shopping recebe convidados que discutem temas como memória urbana, arquitetura afetiva e tendências de comportamento. A programação começa com o encontro "Entre Tempos: cidade, design e memória", conduzido pela curadora Elma Sousa, e segue com participações de Gigi Barreto e André Carvalhal, que também lança o livro *A Alegria em Ficar de Fora*. As atividades têm entrada gratuita, mediante inscrição.



Peça *Felicidade Invisível* celebra três anos



Projeto *Quintal de Memórias*

Quintal de Memórias

✦ O espetáculo-instalação *Carrego O Que Posso, Faço Quintal Onde Dá* integra a programação do projeto *Quintal de Memórias*, realizado até 12 de junho em Planaltina. Promovida pelo Coletivo Entrevazios, a iniciativa reúne atividades formativas e apresentações gratuitas que resgatam histórias de mulheres que participaram da construção de Brasília. Dirigida por Sandra Vargas, referência nacional no teatro de objetos, a montagem utiliza utensílios e objetos do cotidiano para dar voz a memórias de moradoras das regiões

mais antigas do Distrito Federal. A programação inclui a Barraca de Memórias, espaço de escuta e criação coletiva, e sessão aberta ao público no dia 10 de junho, às 9h, no Complexo Cultural de Planaltina, com audiodescrição.

Brincadeiras no CCBB

✦ O CCBB Brasília promove, ao longo de junho, uma programação gratuita voltada à sustentabilidade e à educação ambiental por meio do Rolê Cultural – CCBB Educativo. As atividades incluem contação de histórias para bebês, oficinas artísticas com materiais rea-



Superjazz celebra a Semana dos Namorados

proveitados, espaço de leitura e jogos inspirados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. Entre os destaques estão as oficinas *Carimbos Criativos* e *Bandeirinhas do Volpi*, além de livros infantis sobre natureza e convivência. A programação é gratuita, com ingressos disponíveis pelo site do CCBB Brasília ou na bilheteria.

Coletivo Eletromanas

✦ A Plataforma Eletromanas promove, em junho, seis oficinas gratuitas de formação cultural e técnica no Distrito Federal voltadas a mulheres e pessoas de

gêneros dissidentes. As atividades acontecem em Samambaia, Ceilândia, Guará, Riacho Fundo I e Asa Sul, abordando áreas como discotecagem, produção musical, produção cultural, fotografia para eventos, gestão criativa e trabalho de roadie. O projeto busca ampliar a participação feminina na música eletrônica e na indústria cultural. As inscrições são gratuitas.

MÚSICA

Superjazz

✦ O Superjazz Festival promove nesta quarta-feira (10), nos

TRIBECA
FILM
FESTIVAL

Para orgulho de Robert De Niro

Festival criado pelo ator no trauma do 11 de setembro de 2001 contabiliza os achados de sua edição comemorativa de 25 anos, incluindo thriller com Chino Darín e comédia colegial



Divulgação

Intolerâncias contra indígenas e contra o amor queer assombram 'Labrador - Autopsie du Silence'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Na fase final de suas atividades em 2026, depois de fazer do brasileiro "Funk", de Aly Muritiba, o hit sul-americano de Nova York, o Festival de Tribeca começa a contabilizar as joias de sua 25ª edição, na qual as narrativas de gênero (o suspense e o romance) tiveram destaque na triagem de temas sociais. O Chile atropelou a concorrência qual um aríete com "Summer War", de Alicia Scherson, num resgate da América do Sul de 1989.

Na ocasião, o regime de Pinochet está em declínio e o campeão de jogos de guerra de mesa Udo Berger está de férias com a namorada num resort à beira-mar. Quando um amigo desaparece de repente, Udo convida um misterioso habitante local para se juntar a ele numa partida.

A literatura (de prosa com Roberto Bolaño) é o eixo desse ensaio geopolítico tenso. Tensão foi a palavra de Tribeca, como comprovam dois thrillers, de toadas muito distintas, lá aclamados. De um lado aparece o canadense "Labrador - Autopsie du Silence" (sinuoso até a medula) e, do outro, o espanhol "Dante" (visceralmente sangrento). Ambos estrearam mundialmente na maratona criada em 2001 por Robert De Niro e figuram entre os títulos mais comentados da seleção de 2026.

Dirigido, escrito e produzido por Rodrigue Jean, "Labrador - Autopsie du Silence" fez parte da Competição Internacional de Narrativas de Ficção. Seu protagonista, Alupa Tuluqak, mecânico indígena



Divulgação

Em 'Never Change', adultos são obrigados a voltar ao colegial



Divulgação

Margo Martindale amplia carisma e prestígio com 'The Long Haul'



Jorge Fuembuena/Divulgação

Filho de Ricardo Darín, Chino é dirigido por Hugo Ruiz em 'Dante'

de origem inuíte vivido por Christopher Angatookalook, trabalha num cargueiro no Atlântico Norte. Quando um assassinato a bordo rompe a rotina da embarcação, ele passa a ser o principal suspeito,

num indício de racismo institucional. Ao mesmo tempo em que tenta lidar com o luto pela morte do cozinheiro Alex, que era seu amante secreto, Alupa se encontra encurralado por uma investigação

policial que expõe tensões ligadas à classe, à sexualidade e à sua conexão com os povos originários daquele quinhão de mundo, onde a língua francesa lhe é imposta. Com sagacidade, Jean discute o tratamento dispensado a populações chamadas de "ameríndias" dentro das estruturas institucionais canadenses. O próprio Tribeca destaca o filme como uma reflexão sobre a colisão entre poder, preconceito e identidade, construída a partir de uma atmosfera contemplativa e assombrada.

Frenético, "Dante", novo longa do espanhol Hugo Ruiz (de "Uma Noche Com Adela"), entrou na micareta cinematográfica de NY na seção Escape From Tribeca, dedicada a produções regadas a sangue. Seu personagem central é Eduardo, um jovem paramédico interpretado por Chino Darín, filho do divo argentino Ricardo Darín.

Convocado para um atendimento aparentemente comum, ele encontra um chefe do crime gravemente ferido e dois homens armados que o obrigam a mantê-lo vivo. A partir desse momento, a narrativa mergulha numa espiral de violência, perseguições e reviravoltas ao longo de uma única noite. Apoiado numa montagem febril, o longa amplia a ousadia visual do diretor, intensificando a brutalidade que ele busca em suas crônicas de costumes (moralmente torpes).

Nesta sexta, Tribeca tem um encontro inusitado com um tipo de comédia (a de humor colegial, à la "Curtindo A Vida Adoidado") como não se faz mais, com a sessão de "Never Change!", de Marty Schousboe. Seus personagens são antigos de escola. Décadas depois de se formarem, uma brecha burocrática descoberta por acaso revela que aquela turma de conclusão do

ensino médio da North Meadows High School jamais recebeu oficialmente seus diplomas. Agora, já na casa dos 30 anos, todos são obrigados por lei a voltar ao colégio para concluir os estudos. Antigos romances, segredos enterrados e a humilhação muito particular de ser um adulto plenamente formado dentro de uma instituição dominada por adolescentes explodem na tela.

Entre os achados americanos deste Tribeca, muitos elogios cercaram a atriz Margo Martindale) em seu desempenho como CJ, uma experiente caminhoneira, em "The Long Haul", de David Drake. Trata-se de uma motorista de carretas que passou anos cruzando o sudoeste dos Estados Unidos e construiu cuidadosamente uma vida marcada pelo distanciamento em relação ao seu passado. No entanto, uma carta da Comissão de Liberdade Condicional ameaça derrubar as barreiras que ela levou tanto tempo para erguer. Diante da perspectiva da aposentadoria e de um acerto de contas que evitou durante anos, CJ precisa finalmente encontrar coragem para parar, refletir e encarar o futuro.

Artesã do terror, aplaudida por "A Lenda de Candyman" (2021) e "Extermínio: O Templo dos Ossos" (lançado no início deste ano), Nia DaCosta ampliou seu prestígio como realizadora de verve autoral ao levar para Tribeca uma nova cópia de seu "Passando dos Limites" ("Little Woods"), de 2018. Numa trama ambientada em Dakota do Norte, duas irmãs afastadas uma da outra são levadas ao limite quando a mãe morre, deixando-lhes apenas uma semana para quitar a hipoteca da casa. Tessa Thompson e Lily James são as estrelas.

Tribeca encerra seus trabalhos do domingo.

Brasis para a China ver...

Produções nacionais conseguem espaço nobre no Festival de Xangai, incluindo 'O Deserto de Luiza' e a animação 'Amadeo e o Hipotético Mundo Novo'

e a Ásia toda aplaudir



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Lá se foi um ano desde a passagem de "Cyclone", de Flavia Castro, como representante oficial do Brasil num dos faróis mais bem iluminados das competições de cinema da Ásia, o Shanghai International Film Festival, que aproveita este 12 de junho, Dia dos Namorados, para declarar, uma vez mais, seu fascínio pela produção audiovisual de nosso país... e da América do Sul. Tem uma delegação nacional indo para a maratona chinesa, que abre sua 28ª edição, com 420 títulos de distintos continentes. Paralelamente a essa carreira de artistas e agentes culturais, o cinema brasileiro integra o rol de produções de diferentes cantos do país indicadas a prêmios na China.

"O Deserto de Luiza", de Allan Minas, é uma delas, incluído na competição oficial de longas-metragens de 2026, que tem o ator Tony Leung ("Amor à Flor da Pele") como presidente do júri. Realizador do doce "A Família Dioni" (2015), Minas concorre com os chineses "Atlantic Rhapsody", de Zhong Kaifeng, e "The Great Skull", de Liu Xiaoyang; o marroquino "Halima", de Yassine El Idrissi; o belga "Iluminada", de Nicolás Rincón Gille; o indonésio "My Own Last Supper", de Ismail Basbeth; a coprodução turco-alemã "Night of Blindness", de Reis Çelik; o russo "Sea Sons", de Daniil Merkulov; a produção chinesa de Hong Kong "Secret in the Box", de Frankie Tam Kwong Yuen; o alemão "Superbuhei", estreia na direção de Josef Brandl; a coprodução franco-alemã "The Miserable Mother", de Susanne Heinrich; e o canadense "The Parking Spot", dirigido por Louis Godbout.

"Depois de tantos anos envolvido na realização de 'O Deserto de



'O Deserto de Luiza' concorre na competição oficial de Shanghai ao falar da (re)educação sentimental de uma jovem



'Amadeo e o Hipotético Mundo Novo', de Brenda Lúgia e Edu Felistoque: animação brasileira na China

Luiza', é natural ansiar por uma boa estreia para o filme. Entretanto, lançá-lo no Festival Internacional de Cinema de Xangai superou as minhas expectativas", disse Minas ao CORREIO DA MANHÃ. "Além das pesquisas que tenho feito para me aproximar ainda mais do festival e de seu próprio país, eu me flagro divagando sobre os caminhos de um filme, a despeito dos nossos planos".

Com produção de Daniela Victorino, "O Deserto de Luiza" reúne em seu elenco Daniela Fontan, Nina Prado, Veronica Debom, Vivi Sabino, André Luiz Miranda e Thelmo Fernandes. Sua trama segue Luiza, uma adolescente tímida de 15 anos e apaixonada por desenho, que en-

tra no grupo de graffiti da escola e vivencia o primeiro amor. Quando a mãe da jovem sofre um surto psicótico, sua família desmorona. Na tentativa de reconstruí-la, Luiza terá de enfrentar o medo, a solidão e o preconceito, além de descobrir seu próprio caminho para ser feliz.

"Como será o olhar do público chinês para o filme? Que elementos, comuns ou diversos, nos conectam?", questiona Minas. "O espaço que preciso percorrer até o outro lado do mundo é instigante. Um longo percurso talvez seja necessário para eu ter tempo de me esvaziar e me preparar para o que virá. Estou indo conhecer uma cultura milenar que, ao mesmo tempo, aponta para um futuro que muitos de nós de-

sejamos ter. Isso me faz pensar que estarei atravessando outra distância, ainda maior do que o espaço. Estarei atravessando o tempo".

O colegiado escalado para julgar "O Deserto de Luiza" e seus rivais no 28º Festival Internacional de Cinema de Xangai é encabeçado por Leunge reúne a produtora tunisiana Dora Bouchoucha; o diretor chinês Guan Hu; o realizador do Quirguistão Aktan Arym Kubat; a diretora e roteirista georgiana Déa Kulumbegashvili; a roteirista, diretora e produtora mexicana Fernanda Valdez; e a atriz chinesa Xin Zhilei. A ser inaugurada nesta sexta-feira por "Afterpiece", de Keane T. K. Wong, produzido por Derek Yee, a maratona chinesa abriu espaço para o Brasil

também em sua seleção de estreias animadas competitivas. Na competição de animação, entrou "Amadeo e o Hipotético Mundo Novo", dirigido por Brenda Lúgia e Edu Felistoque. O enredo é uma fantasia que acompanha o jovem Amadeo, de origem africana, um menino sensível e genial que inventa a câmera fotográfica antes dos europeus. Em meio ao Brasil de 1830, ele utiliza sua criação para ajudar na libertação de pessoas escravizadas, enquanto vive um amor impossível pela filha de um poderoso barão.

"É uma alegria ver nosso filme 'Amadeo' nascendo do outro lado do mundo", diz Brenda no material promocional do longa. "Nossa animação é muito plural, pois é composta por uma equipe diversa, tem gente de Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Alagoas, e até Guiné Bissau! Tem branco, preto, jovem, idoso, anônimo, famoso... parece um sonho o fato da nossa estreia mundial ocorrer na China! Me sinto preparada e ansiosa para conhecer este 'novo mundo'".

O festival segue até o dia 21 e vai prestar um tributo ao diretor inglês Ken Loach, um ícone da estética marxista ganhador de duas Palmas de Ouro em Cannes, com "Ventos da Liberdade" (2006) e "Eu, Daniel Blake" (2016).



David Cleary/Lionsgate

“A música, mais do que qualquer outra coisa, tem essa capacidade de nos fazer sentir sãos. Faz a gente se sentir visto. A música nos mantém ligados ao mundo e, ao mesmo tempo, nos permite voar acima dele”

PAUL RUDD

E, de repente, O SUCESSO

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Confeccionada para se transformar num daqueles cults à inglesa com potencial pop de pegar a “Sessão da Tarde” (tipo “Yesterday” ou “Um Lugar Chamado Notting Hill”), a dramédia “Hit Para Dois” (“Power Ballad”) conquistou vagas em festivais de prestígio (SXSW, BAFICI) graças à direção autoralíssima do irlandês John Carney, consagrado há 20 anos com “Apenas Um Sonho” (2006). Música é o seu universo e a lealdade é a sua bossa. Ele volta ao Brasil neste fim de semana e pode lotar multiplexes.

“Eu me sento para escrever no computador e acabo ficando entediado. Então vou para o piano”, contou o cineasta ao Correio da Manhã, numa coletiva online, afirmando que teve dificuldade, desde moço, para permanecer muito tempo concentrado numa única tarefa, até ter encontrado um equilíbrio entre composição musical e escrita de roteiros. “É um lugar muito feliz para mim, ir do laptop ao piano e voltar ao laptop. Eu não planejei que fosse

assim. Só é”.

Cria de Dublin, Carney filma sua pátria com humor irônico, multiplicando pequenas piadas sobre hábitos locais (“nunca vi ninguém na Irlanda recusar bebida”, ouvi-se, num momento crucial de “Hit Para Dois”). As autocríticas não anulam, o modo como o realizador celebra o seu país em sua nova narrativa, orçada em US\$ 10 milhões, e atravessada por uma mirada nada idealizada da América, com passagens por Los Angeles, onde a paternidade surge como instância (analgésica) de amor, embora a condição de ser pai não seja o eixo central do enredo.

Na trama, (o poço de carisma) Paul Rudd é o músico Rick Power, um compositor que sempre sonhou em brilhar nos palcos. Quis o destino que ele se limitasse a ser vocalista de uma banda de casamentos nos confins de uma Irlanda cheia de cerveja nas ideias. Em um dos seus shows, ele conhece Danny Wilson (Nick Jonas, um dos Jonas Brothers), ex-astro pop adolescente que, à sua maneira, agora adulto, também tenta encontrar sua voz enquanto músico solo.

Num encontro inesperado, entre uma birita e outra, Rick

Paul Rudd, super-herói na Marvel, junta-se ao Jonas Brothers Nick para estrelar ‘Hit para Dois’, comédia de acordes dramáticos e musicais do cultuado diretor irlandês John Carney, que estreia no Brasil

apresenta uma de suas composições para o rapaz, acreditando estar diante de um novo amigo. O que ele não esperava era que Danny faria da sua música um

Talento nato para compor e cantar, Rick (Paul Rudd, à direita) cai, sem querer, na lábria do baladeiro Danny Wilson (Nick Jonas) em ‘Hit Para Dois’

hit global, mas, com um grave senão: não deu ao verdadeiro autor nenhum crédito. Rick, então, sai em uma jornada em busca de reconhecimento, sem perceber que pode acabar perdendo tudo o que realmente importa na vida.

Questionado pelo Correio sobre a célebre frase do cineasta Wim Wenders, de que o rock-n-roll salva vidas, Rudd, o Homem-Formiga da Marvel, afirmou que a potência melódica funciona como uma âncora para seu personagem.

“A música, mais do que qualquer outra coisa, tem essa capacidade de nos fazer sentir sãos. Faz a gente se sentir visto. A música nos mantém ligados ao mundo e, ao mesmo tempo, nos permite voar acima dele”, diz Rudd. “Quando você está muito triste, ouvir música pode salvá-lo. Não acho que Wim Wenders esteja exagerando. Se alguém como Rick está sentindo algo profundo, a única coisa que ele pode fazer é escrever sobre isso. Transformar aquilo em alguma coisa”.

Durante a coletiva, Rudd admitiu que chegou às filmagens cercado de inseguranças por contracenar com músicos profissionais, como Nick Jonas e o próprio Carney.

“Eu gosto de tocar e cantar como qualquer pessoa gosta, mas não sou aquele guitarrista para quem as pessoas pedem para tocar alguma coisa”, brincou o astro de “Bem-vindo aos 40” (2012). Ainda assim, afirmou que a convivência com artistas experientes o estimulou. “Estar cercado de músicos de verdade faz você querer corresponder”.

Aos 57 anos, preparando-se para voltar a circuito como Homem-Formiga em “Vingadores: Doutor Destino”, Rudd também falou sobre a ligação afetiva que mantém com a Irlanda, onde a trama se passa. Frequentador do país desde a juventude por influência do pai (que é um historiador), Rudd descreveu Dublin como um lugar onde a música faz parte da identidade cultural. “Sou fã da música irlandesa, dos pubs, da literatura. Interpretar um músico naquele ambiente foi um papel dos sonhos”, explicou o astro, cuja trajetória profissional ganhou vulto há três décadas, ao aparecer em “As Patricinhas de Beverly Hills” (1995).

Visto faz pouco ao lado de Selton Mello na versão 2025 de “Anaconda”, Rudd comparou a carreira a um gramado sendo aparado aos poucos. “Você vai cortando um pedaço de cada vez e, quando olha para trás, percebe que aparou um gramado enorme”.

Em “Hit Para Dois”, essa busca por significado encontra eco na própria essência da história: a canção pop como espaço de criação, consolo e reinvenção. Uma ideia que une o diretor e os seus protagonistas, cada um à sua maneira, numa celebração do poder transformador da arte de tocar e cantar.

Inclusão com ternura, com pagode, com Plim-Plim

Em fase de renovação de sua linha de filmes, Estúdios Globo surfa nos códigos da comédia romântica aprendidos com sua 'Sessão da Tarde' e gera a delícia 'Deixa Acontecer'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Existe uma escola de cinema no Brasil, em forma de programa, que alfabetizou este país nas manhãs do audiovisual ao longo dos últimos 50 anos a ponto de virar um molde para a maneira com que nossa indústria audiovisual se expressa por códigos de gênero. Se um longa-metragem nacional for rotulado como "isso parece uma 'Sessão da Tarde'", leve a fala como um elogio, num sinônimo de fofura e potencial popularidade, ainda que ele rompa com o reclame padrão da TV: "E essa turminha muito louca vai se meter em altas confusões".

Tal ruptura se nota, e se celebra com a mais fina brasilidade, em "Deixa Acontecer", RomCom (comédia romântica) da mais fina brasilidade, que chega ao catálogo do Telecine nesta semana do Dia dos Namorados, disponível no Globoplay, na Prime Video e operadoras. É uma aposta em romance, música e representatividade, na luta contra o capacitismo.

Natalia Grimberg assina a glitter a direção desta delícia que marca a nova leva de investimento dos Estúdios Globo (o ex-Projac) na produção de narrativas filmicas, com base em roteiro de Renata Corrêa, que dosa reflexão social e afeto sem



Angélica Goudinho/Estúdios Globo

Marina (Paola Antonini), Pri (Klara Castanho) e Thayz (Lais Lage) nos bastidores da comédia romântica 'Deixa Acontecer' já nas grades da Globoplay e Prime Video

perder a ternura jamais.

Profissionais de vasta tarimba na TV aberta, como o diretor de fotografia Alexandre Frutuoso (em inspirado traquejo com a luz das narrativas cômicas sobre benquerer), alinham-se com a meta dos Estúdios de gerar filmes, fora dos moldes das novelas, a fim de transformar "Deixa Acontecer" em um divertido reencontro com os códigos de marcos como "Uma Linda Mulher" (1990) ou "Como Se Fosse A Primeira Vez" (2004), vistos e revistos na "Sessão da Tarde".

"Bebi dessa fonte, mas numa busca de ser singular, num desejo de 'vamos fazer diferente', com a impressão de que as nossas comédias românticas mais fortes, aqui no Brasil, historicamente, foram as novelas. E é com uma equipe de boas e bons profissionais aqui dos Estúdios, como é o Frutuoso, que a gente vem investir no gênero", diz Natalia ao Correio da Manhã, numa sessão num dos auditórios do Plimplim, na Zona Oeste.

Escalando um ator em fase de apogeu (João Vitor Silva, de "Cinco Tipos De Medo" e "O Agente Secreto") como uma espécie de Hugh Grant pagodeiro, "Deixa Acontecer" segue os rumos da estudante Marina (Paola Antonini), uma

jovem mineira que decide deixar Uberlândia para cursar Medicina no Rio de Janeiro, determinada a conquistar sua independência. A prótese de metal que usa a substituir um de seus membros inferiores costuma ser um indício de alerta para sua mãe (Camila Morgado) e seu pai (Danton Mello), muito carinhosos com a moça.

Amputada ainda na infância, Marina cresceu aprendendo a não se deixar sufocar pelo excesso de superproteção em seu lar, desenvolvendo uma autoestima de dar inveja. Ao ser aprovada em uma renomada universidade pública carioca, ela vê a mudança como uma oportunidade de provar que é capaz de conduzir a própria vida, sem que ninguém a conduza pela mão. O caso é que o Cupido atira suas flechas quando menos esperamos.

"Atuação requer muito estudo, muita entrega, e eu percebi que precisava dar tudo de mim para a personagem", diz Paola, modelo e influenciadora digital que perdeu a perna esquerda em um acidente de carro, em 2014, e mantém um instituto com seu nome para inspirar PCDs (Pessoas Com Deficiência)

na recuperação.

Numa delicada composição em cena, ela transforma Marina numa mulher obstinada, que vai se meter numa encrenca amorosa ao chegar ao Rio com as amigas Pri (Klara Castanho) e Thayz (Lais Lage) e, de cara, perder todo o seu dinheiro e seus cartões de crédito. Numa dessas ciladas da sorte que o Amor dá na gente quando não quer levar crédito por seus feitos, ela vai cruzar o caminho do bamba do molejo romântico João Mendes (João Vitor Silva), o Brabo. Apesar da fama e do sucesso, o cantor atravessa uma crise pessoal e profissional após ser alvo de um cancelamento público, situação que ameaça sua carreira e sua imagem perante tientes. A fim de reverter a situação, seu empresário, Bebê (Douglas Silva, em inspirada atuação), idealiza um relacionamento de fachada que possa ajudar a recuperar a popularidade do artista. Marina aceita participar do acordo por enxergar nele uma forma de demonstrar estabilidade à família e permanecer no Rio. O que começa como uma estratégia conveniente para ambos, no entanto, abre as portas para uma paixão. Na dinâmi-

ca artística que o roteiro de Renata trouxe para o elenco e para Natalia, muita desconstrução de arquétipos se fez, sobretudo no Brabo.

"Eu não me via na função de galã, nem na condição de parecer bonito, pois gosto muito de parecer diferente a cada papel. Por isso fiz o João Mendes mais solto, pequeno", disse João Vitor, ator que se destaca por seu estado de presença a cada atuação.

Método similar se passa com Mariana Ximenes, que põe o filme no bolso em sua aparição no papel de uma repórter que é usina de fofocas. "Fiz um pot-pourri de muito jornalista que encontrei, embora tenha muito respeito pela profissão. Tenho um tio jornalista que sempre me deu dicas de como tomar cuidado com a imprensa, que é parte da vida da gente".

Destacam-se ainda na tela Débora Lamm, Ed Gama, Caio Cabral, Duda Brack e Ricardo Cubba, hilário no papel do aspirante a ator (e recepcionista de hotel) Lucinho. A produção também conta com participações especiais de nomes ligados ao pagode, como Dudu Nobre, Arlindinho, Marvvila, Vitinho e Feyjão. Dessa mistura toda, nasce uma belíssima surpresa, que recicla a tradição das fábulas pé no chão com açúcar e com afeto.

CRÍTICA LIVROS | O ANIVERSÁRIO

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Divulgação

Desonrar pai e mãe

Em 2013, a canadense Alice Munro recebeu o Prêmio Nobel de Literatura pelo realismo psicológico e a habilidade ao retratar a complexidade das relações humanas em seus contos. Dois meses depois de sua morte, em 2024, a

filha mais moça, Andrea, escreveu um artigo denunciando a omissão da mãe ao saber que a menina, dos 9 anos até a adolescência, fora vítima de abuso sexual do padrasto. Munro chegou a se separar do marido, mas reatou o casamento.

Alice Munro sempre causava desconforto em quem lia as histó-

rias de mulheres aprisionadas em vidinhas medíocres, sem paixão, sem entusiasmo, conformadas com o destino do pós-guerra. Seus contos dão vontade de gritar, de sacudir aquelas personagens apagadas, que jamais abandonavam as rotinas caretas, tradicionais. Deste lado das páginas, a escritora entendeu que torturas contra a filha eram insuficientes para levá-la a reconstruir uma existência longe do agressor. É possível refletir sobre a opressão sem abraçar quem a denuncia?

Essas tragédias gregas contemporâneas protagonizadas por gente talentosa – Woody Allen se casou com a ex-enteada, Pablo Neruda



Em 'O Aniversário', Andrea Bajani mostra que cada família é infeliz à sua maneira

rejeitou uma filha deficiente, entre tantos outros casos – deveriam levar à rejeição de suas obras? Um dia, Lord Byron foi condenado por seus lendários amores escandalosos e incestuosos. Restou sua poesia, maior do que ele.

Não faltam relatos literários –

ficcionais ou não – sobre o incesto dentro das famílias. No entanto, a violência doméstica, muda e aterrorizante, pode manter distância do rompimento de tabus, causando, ainda assim, traumas dolorosíssimos. O italiano Andrea Bajani comprova a máxima de Tólstoi em "O aniversário" (Companhia das Letras, R\$): cada família é infeliz à sua maneira. O texto seco, contido sobre um casal de filhos e a mãe, subjugados às determinações de um pai bruto, deu o maior prêmio literário da Itália, em 2025, a Bajani, por essa novela concisa em suas descrições sobre o temor. Cada trecho é uma esfolada no peito. Não importa se é baseada na realidade ou criação literária pura: a violência psicológica é tamanha que, adulto, o filho decide deixar de ver os pais para sempre, diante da anulação do caráter da mãe, conformada com seu papel social. O movimento masculino de abandonar a família, tão corriqueiro no caso dos ex-maridos e pais, é protagonizado pelo filho, que precisa se livrar do tormento de, a cada encontro, reviver as dores da alma experimentadas na infância e adolescência. Acompanhar o rompimento desse filho com a família biológica, o que, na cultura latina, é praticamente uma falha de caráter, faz do leitor cúmplice, mas também culpado pela necessidade de se desligar desse passado apavorante. Ao recusar-se a honrar pai e mãe, Andrea Bajani convoca o leitor a entender, dividir e sofrer a culpa intrínseca que o corrói para se reconstruir na liberdade.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

ESTRATÉGIAS DE DEFESA

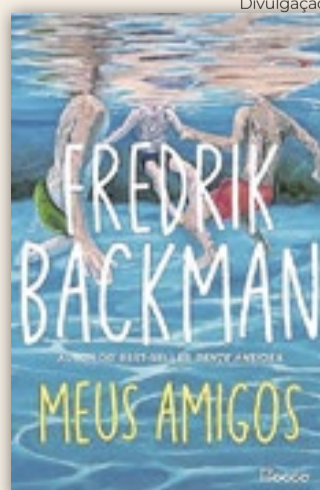
Com cinco décadas de experiência como criminalista, o advogado Mario Rebello de Oliveira Neto recorda em "O Jogo da Defesa - Crime e Romance em 20 Casos Reais" (GZ Editora, R\$ 58) casos em que atuou. Em forma de crônica, o advogado conta como absolveu clientes de acusações graves. Uma dessas defesas marcantes foi a de um homem que estaria à frente de uma quadrilha de sequestradores – narrativa que teria sido forjada por aliados do ex-policia Mariel Mariscot, a fim de desviar as atenções de uma planejada fuga do condenado. Outro caso notório foi da mulher indiciada, por um erro da perícia, como assassina do marido que se suicidara com um tiro.



Divulgação

BUSCANDO SONHOS

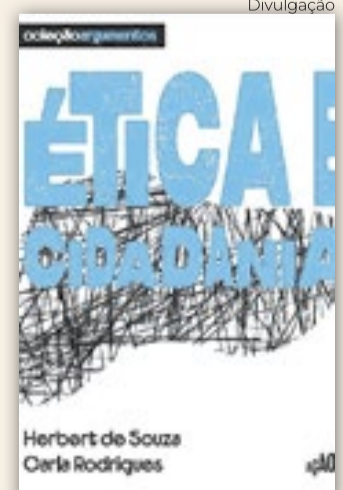
Conhecido por mostrar o lado bom de personagens arredios, o sueco Fredrik Backman cria uma bela história de redenção e busca pelos sonhos em "Meus amigos" (Rocco, R\$ 76,90), através da insólita amizade entre a adolescente Louisa e o depressivo professor Ted, que desvendam o mistério existente por trás de uma pintura retratando três pessoas num cais. Há 25 anos, um grupo de meninos firma uma sólida amizade que os fortalece e lhes permite sonhar com um futuro melhor do que a realidade aponta. Quando o quadro chega às mãos de Louisa, ela quer entender a motivação do artista em fazer daquela obra mais do que uma bela representação da vida à beira-mar.



Divulgação

PENSAMENTOS DE BETINHO

Em meados dos anos 1990, um grupo de jovens entrevistou o sociólogo Herbert de Souza a respeito de conceitos que norteariam o Brasil redemocratizado. A conversa, coordenada pela jornalista Carla Rodrigues, resultou em "Ética e democracia" (Ação Editorial, R\$ 44,90), que ganha nova edição no momento em que o país volta a discutir valores e a convivência dos diferentes estratos sociais, e serve para refletir a atualidade de questões fundamentais como igualdade, democracia e desigualdade. O livro é parte da coleção Argumentos, lançado pela editora que é o braço cultural da Ação da Cidadania, organização lançada por Betinho para pensar a reconstrução da sociedade brasileira.



Divulgação

Por Mayariane Castro

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) Brasília recebe, entre os dias 4 e 14 de junho de 2026, o espetáculo “Kintsugi, 100 memórias”, do Lume Teatro.

A montagem integra as comemorações dos 40 anos do grupo paulista, fundado em 1985, e reúne em cena os atores Ana Cristina Colla, Jesser de Souza, Renato Ferracini e a brasiliense Raquel Scotti Hirson. A direção é do argentino Emilio García Wehbi e a dramaturgia do carioca Pedro Kosovski.

As apresentações acontecem no Teatro do CCBB Brasília, de quinta a sábado, às 20h, e aos domingos, às 18h.

Na semana dos jogos da Copa do Mundo, a sessão prevista para sábado será realizada excepcionalmente na quarta-feira, dia 10 de junho, às 15h. Os ingressos custam R\$ 30 a inteira e R\$ 15 a meia-entrada.

Rachaduras ficam

A peça parte da técnica japonesa conhecida como kintsugi, utilizada para restaurar objetos de cerâmica quebrados com uma mistura de laca e pó de ouro.

O método transforma rachaduras e marcas de ruptura em elementos visíveis da peça restaurada. A partir dessa referência, o espetáculo propõe uma reflexão sobre memória, esquecimento, permanência e reconstrução.

Logo no início da encenação, um vaso de cerâmica é quebrado no palco.

A ação funciona como ponto de partida para o desenvolvimento da narrativa, que busca investigar o que permanece após proces-

Juntando os cacos da memória

Peça “Kintsugi, 100 Memórias” remete a técnica japonesa de restauração para abordar o Alzheimer



Lenon Cesar

A partir do Alzheimer e suas consequências, Lume discute diversas formas de esquecimento

so de ruptura.

O objeto fragmentado serve como metáfora para questões individuais e coletivas abordadas ao longo da obra.

Segundo a proposta dramática, o espetáculo reúne memórias pessoais dos integrantes do grupo, episódios relaciona-

dos à história do Lume Teatro e acontecimentos da vida política brasileira.

A montagem utiliza uma estrutura fragmentária e autoficcional, na qual experiências reais dos artistas são incorporadas à cena e reorganizadas em diferentes camadas narrativas.

Conexões

O texto também estabelece conexões entre acontecimentos históricos do país e experiências vividas pelos integrantes da companhia ao longo de quatro décadas de atuação.

Questões relacionadas ao período da ditadura militar, quando

o regime tratava de tentar conduzir fatos e pessoas ao esquecimento (tema, inclusive, do filme “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, que concorreu ao Oscar), ao processo de redemocratização e às transformações sociais ocorridas nas últimas décadas são discutidas.

Ampla pesquisa neurológica

Para construir a peça, autores estudaram pacientes com demência e outros processos

A origem da pesquisa que resultou em “Kintsugi, 100 memórias” está relacionada aos estudos realizados pelo grupo sobre a Doença de Alzheimer. O interesse surgiu a partir de informações divulgadas sobre a população de

Angostura, na Colômbia, onde uma parcela significativa dos moradores apresenta uma mutação genética associada a uma forma rara e precoce da doença.

A partir desse ponto de partida, os integrantes do Lume Teatro desenvolveram uma investigação que incluiu visitas à ala neurológica do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Durante vários meses, os artistas conversaram com médicos, pesquisadores, familiares e pacientes diagnosticados com diferentes tipos de demência.

As atividades ocorreram em 2018. Durante o processo, o grupo passou a relacionar os estudos sobre perda de memória a questões mais amplas ligadas ao contexto social e político brasileiro. A pesquisa deixou de tratar exclusivamente dos aspectos clínicos da doença para incorporar reflexões sobre os mecanismos de apagamento e esquecimento presentes na vida coletiva.

Durante vários meses, os atores Ana Cristina Colla, Jesser de Souza, Raquel Scotti Hirson e Renato Ferracini visitaram a ala neurológica do Hos-



Lenon Cesar

Técnica japonesa de restauração é a base da trama

pital das Clínicas da Unicamp, conversando com especialistas, familiares e pacientes com demência. “Era a época em que o Brasil mergulhava em um momento de apagamento histórico, obscurantismo e irraciona-

lidades políticas”, contextualiza Renato Ferracini.

De acordo com os criadores, a obra utiliza o Alzheimer como uma referência simbólica para discutir formas de esquecimento além da dimensão biológica.



Mostra apresenta um passeio pela cultura do DF nos últimos vinte anos

Por Mayariane Castro

A exposição “Festa de Olhar”, da fotógrafa Tatiana Reis, está em cartaz na Galeria Risofloras, em Ceilândia, até o dia 19 de junho.

A mostra reúne imagens produzidas ao longo de duas décadas de atuação da artista e apresenta registros relacionados à cena cultural do Distrito Federal, incluindo fotografias de artistas, apresentações, manifestações culturais e momentos de bastidores. A entrada é gratuita.

Instalada na Praça do Cidadão, a exposição marca os 20 anos de trajetória profissional da fotógrafa e propõe ao público um percurso por diferentes momentos da produção cultural brasileira registrados por suas lentes. A mostra pode ser visitada de terça a sábado, das 12h às 17h.

Com curadoria e texto de apresentação assinados por Léia Lemos,

Vinte anos de cultura em Ceilândia

Exposição relembra trajetória da fotógrafa Tatiana Reis, especialista no registro da cena cultural do DF

a exposição reúne trabalhos realizados em diferentes períodos da carreira de Tatiana Reis.

As fotografias documentam eventos, expressões artísticas e encontros ocorridos ao longo dos últimos 20 anos no Distrito Federal, construindo um panorama visual da produção cultural da região.

Memória e registro

A proposta da mostra é apresentar ao público um conjunto de imagens que evidenciam a relação entre fotografia, memória e registro histórico. Por meio dos trabalhos expostos, a fotógrafa revisita acontecimentos e personagens que fizeram parte de sua trajetória profissional,

ao mesmo tempo em que registra transformações ocorridas na cena cultural brasileira.

Segundo o texto curatorial, a exposição se organiza a partir da ideia de retrospectiva, reunindo fotografias que permitem revisitar experiências, encontros e acontecimentos registrados pela artista. A

seleção de imagens busca estabelecer conexões entre diferentes períodos da produção cultural do Distrito Federal e destacar a permanência desses registros ao longo do tempo.

Ao longo da exposição, o público encontra fotografias realizadas em espaços diversos, incluindo palcos, ruas, eventos culturais e bastidores de produções artísticas. As imagens documentam atividades ligadas à música, ao teatro, à dança e a outras manifestações culturais desenvolvidas no Distrito Federal.

Cultura do DF

A trajetória de Tatiana Reis está diretamente associada ao registro da produção artística local. Atuando há 20 anos na fotografia, a profissional construiu um acervo voltado à documentação de artistas, coletivos culturais, eventos e movimentos ligados à cultura brasileira.

Seu trabalho transita entre a fotografia documental, cultural e artística, produzindo registros que preservam aspectos da memória coletiva da região.

Fotografia como registro histórico

Mostra permite acompanhar as transformações no cenário artístico da capital

Além de retratar apresentações e atividades culturais, a fotógrafa acompanhou diferentes transformações ocorridas no cenário artístico do Distrito Federal ao longo das últimas duas décadas.

Parte desse percurso está representada nas imagens selecionadas para a exposição.

A mostra também reforça o papel da fotografia como instrumento de documentação histórica. Ao registrar eventos, pessoas e manifestações culturais, as imagens tornam-se fontes de memória sobre períodos específicos da vida cultural de uma cidade. Nesse sentido, o conjunto apresentado em “Festa de Olhar” reúne

fragmentos da história recente da produção artística brasileira.

Risofloras

A exposição é realizada na Galeria Risofloras, espaço criado em 2018 e vinculado ao Instituto de Referência da Juventude. Localizada em Ceilândia, a galeria desenvolve atividades voltadas à circulação artística, formação cultural e realização de exposições. O espaço também promove oficinas, ações educativas e iniciativas de mediação cultural.

A atuação da Galeria Risofloras está integrada às atividades do Jovem de Expressão, programa desenvolvido pelo Instituto de Referência da Juventude. A ini-



Rod Gueto: registro e memória da arte brasileira

ciativa atua em Ceilândia com ações direcionadas a jovens entre 18 e 29 anos, envolvendo projetos relacionados à saúde, bem-estar,

prevenção à violência, formação cultural e empreendedorismo.

Nos últimos anos, a galeria passou a receber exposições de

artistas do Distrito Federal e de outras regiões do país, consolidando uma programação voltada à ampliação do acesso às artes visuais. A realização de “Festa de Olhar” integra esse conjunto de ações e amplia a visibilidade de trabalhos ligados à memória cultural da capital federal.

A expectativa dos organizadores é que a mostra contribua para aproximar o público de diferentes momentos da produção artística do Distrito Federal por meio do olhar da fotógrafa. Ao reunir imagens produzidas ao longo de 20 anos, a exposição oferece um recorte da trajetória profissional de Tatiana Reis e da história recente da cultura local.